

POR FORA SOU GOTEIRA, POR DENTRO, TEMPESTADE

DOI NUMBER: 10.33726/akedia2447-7656v7a52019p48-63

PESSOA, Marcelo

RESUMO: Este texto apresenta um conjunto de reflexões sobre as aplicações das técnicas e filosofia do Karatê-do à vida prática, numa espécie de bunkai existencial (budô no kisô). Neste sentido, como metodologia para a escrita deste trabalho, aplicou-se a revisão bibliográfica, combinada com o relato de experiências vividas e interpretadas pelo próprio autor. Justifica a realização deste estudo, o fato de que, por ocasião da solicitação para a promoção ao 5º Dan, a produção monográfica ser um dos quesitos a serem atendidos pelo postulante ao grau. Como resultado desta investigação, segundo pronunciamento da banca, chegou-se à produção de uma obra publicável, devido ao teor de originalidade biográfica e bibliográfica que a ela se imprimiu.

PALAVRAS-CHAVE: Karatê, KYOKAI, Arte Marcial, Filosofia do Karatê, UEMG.

ABSTRACT: This text presents a set of reflections on the applications of the techniques and philosophy of karate-do to practical life, in a kind of existential bunkai (budô no kisô). In this sense, as a methodology for writing this work, applied to literature review combined with the account of experiences and interpreted by the author. The realization of this study, the fact that, at the time of the request for promotion to 5th Dan, monographic production is one of the requirements to be met by the appellant to grade. As a result of this investigation, according to the bank's announcement, the production of a publishable work, due to the amount of biographical and bibliographical originality that she printed

KEYWORDS: Karate, KYOKAI, martial art, Karate's philosophy, UEMG.

INTRODUÇÃO

Depois de muito buscar entender os moldes sobre os quais se configurariam um memorial de formação humana (texto tipicamente acadêmico) que fosse aplicável ao registro histórico de uma vida dedicada ao aprendizado, ao ensino e à

¹ Texto homônimo adaptado de uma monografia homônima, apresentada a uma Banca de Mestres do Karatê, durante a realização do Campeonato Brasileiro de Karatê, promovido pela FBK – Federação Brasileira de Karatê, no CFO – Centro de Formação Olímpica, na cidade de Fortaleza – CE, entre os dias 07 e 09/09/2108, em função das exigências de promoção ao Grau de 5º Dan, faixa preta Shotokan.

gestão do **Karatê-do**, vi, ao ler textos monográficos e livros de outros caratecas e mestres das artes marciais, que esse exercício investigativo sobre a natureza deste ou daquele tipo de texto pouco poderia me ajudar.

Além disso, na prática de leitura de obras alheias, percebi que, ao lê-las, eu meditava, sim, sobre a profundidade dos relatos e conhecimentos daqueles que nos antecederam – e esse seria um bom estímulo para que eu continuasse lendo produções de meus antecessores. E foi assim que me impus a prática contínua do **mokusô**, isto é, de uma meditação intensa sobre estas escrituras e sobre qual poderia ser o melhor modo de transmitir os significados de uma vida inteira dedicada à arte das mãos vazias – o karatê.

Pari passu, notei que, agindo assim, escrevendo à moda alheia, eu correria um sério risco de dizer bem pouco sobre mim, o modo como passei a minha vida nas artes marciais e, mais particularmente, praticando o Karatê, ou de como me tornei o ser humano que sou hoje, ou ainda de como penso o mundo ao meu redor a partir das projeções filosóficas aprendidas e apreendidas em cima do tatame sob a batuta das Artes Marciais. E, claro, se este era e ainda é o meu objetivo central, ao apresentar uma monografia, ao publicar um *paper* sob esta temática, entendi que deveria ter postura redativa compatível a tais propósitos.

Finalmente, depois de já ter escrito e reescrito quase todo o meu próprio memorial de formação no Karatê, terminei por compreender que o modo como estava conduzindo meu texto era errado. Equivocado, talvez não formato, nem mesmo enganado na linguagem empregada. Quando esse entendimento ficou claro para mim, apaguei todos os textos, todas as anotações, todos os arquivos e recomecei. Sim, reiniciei da estaca zero, tendo em vista que: “Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho” (BOSI, 1995, p. 55).

Nas linhas desta monografia desajeitada apresentarei, então, as minhas próprias experiências, sensações, aprendizados, ilusões, fracassos e sucessos na vida e na Arte Marcial. Por isso, segundo este princípio de pretensa personalidade literária ficcional, ou seja, levando em conta que imponho, aqui, o meu jeito particular

de narrar, informo que me caíram às mãos dois brilhantes textos, os quais mantive como molas mestras desta empreitada.

Um deles, denominado “*Recompondo a Memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias*” (THOMSON, 1997). A outra obra, “*Memórias Inventadas: figurações do sujeito na escrita autobiográfica de Manoel de Barros*” (LINHARES, 2006).

Estes dois documentos abriram-me a mente para uma diversidade de narração bem diferente daquela que eu lia nos escritos feitos pelos profissionais do Karatê. Igualmente, estes textos me instigaram a imaginação em relação às dissertações profissionais que até então eu tentara imitar.

Dali em diante, a partir do contato com os textos de Thomson (1997) e Linhares (2006), pincei reflexões fundamentais para lapidar a direção de minha reescritura. Mas, especialmente, vale dizer, que a partir deles é que balizei a versão do que eu queria para o meu próprio discurso sobre este histórico de vida e a lida com a Arte Marcial Karatê.

Foi assim, então, que este *paper* passou a intitular-se *Por Fora Sou Goteira, Por Dentro, Tempestade* – um título que é símbolo desta transformação, desta mudança de paradigma. E este, por sua vez, deu origem ao livro *BUNKAI – uma vida no Karatê* (atualmente no prelo), e também à disciplina ofertada nos cursos de Graduação da UEMG, Unidade Frutal, intitulada “Filosofia, Cultura e Ética das Artes Marciais”.

Desse modo, neste **Hitotsu** (vocábulo que, ao pé da letra, significa “primeiramente”, e, aqui, à moda acadêmica, ganha ares de “Introdução”), fazemos uma associação entre o dito significado literal da expressão “hitotsu” (palavra que se antepõe a todos os fundamentos do **Dojo Kun**² – lemas do Karatê, e também princípios gerais de várias Artes Marciais) e os principais elementos de pesquisa de

² Lemas do Karatê-do – o Dojo Kun: HITOTSU! JINKAKU KANSEI NI TSUTOMURU KOTO! – Primeiramente, Esforçar-se para a formação do caráter!; HITOTSU! MAKOTO NO MICHIO MAMORU KOTO! – Primeiramente, esforçar-se para manter-se no verdadeiro caminho da razão; HITOTSU! DORYOKU NO SEISHIN O YASHINAU KOTO! – Primeiramente, Criar o intuito do esforço; HITOTSU! REIGI O OMONZURU KOTO! – Primeiramente, Respeito acima de tudo; e, HITOTSU! KEKKI NO YU O IMASHIMURU KOTO! – Primeiramente, Conter o espírito de agressão.

bibliografia e de tipologias textuais que poderiam fundamentar a escrita da presente escritura.

Na seção seguinte, intitulada “**Mokuso**: contemplação silenciosa”, cujo significado se traduz no próprio título, promove-se, a partir da sobreposição do significado da expressão “**mokuso**” um entrelace entre aspectos reais e imaginários da memória, cujas relações se promovem, não raramente, muito mais no universo contemplativo e abstrato e menos no ambiente do real e do fisicamente palpável.

Subsequentemente, nos trechos denominados “**Dojo Kun**: preceitos para o **dojo** da vida”, e no “**Bushido**: o espelho de um **bushi**” se coloca em franco diálogo elementos biográficos do autor que retroalimentaram e deram substância às aplicações e práticas existenciais dentro e fora do tatame.

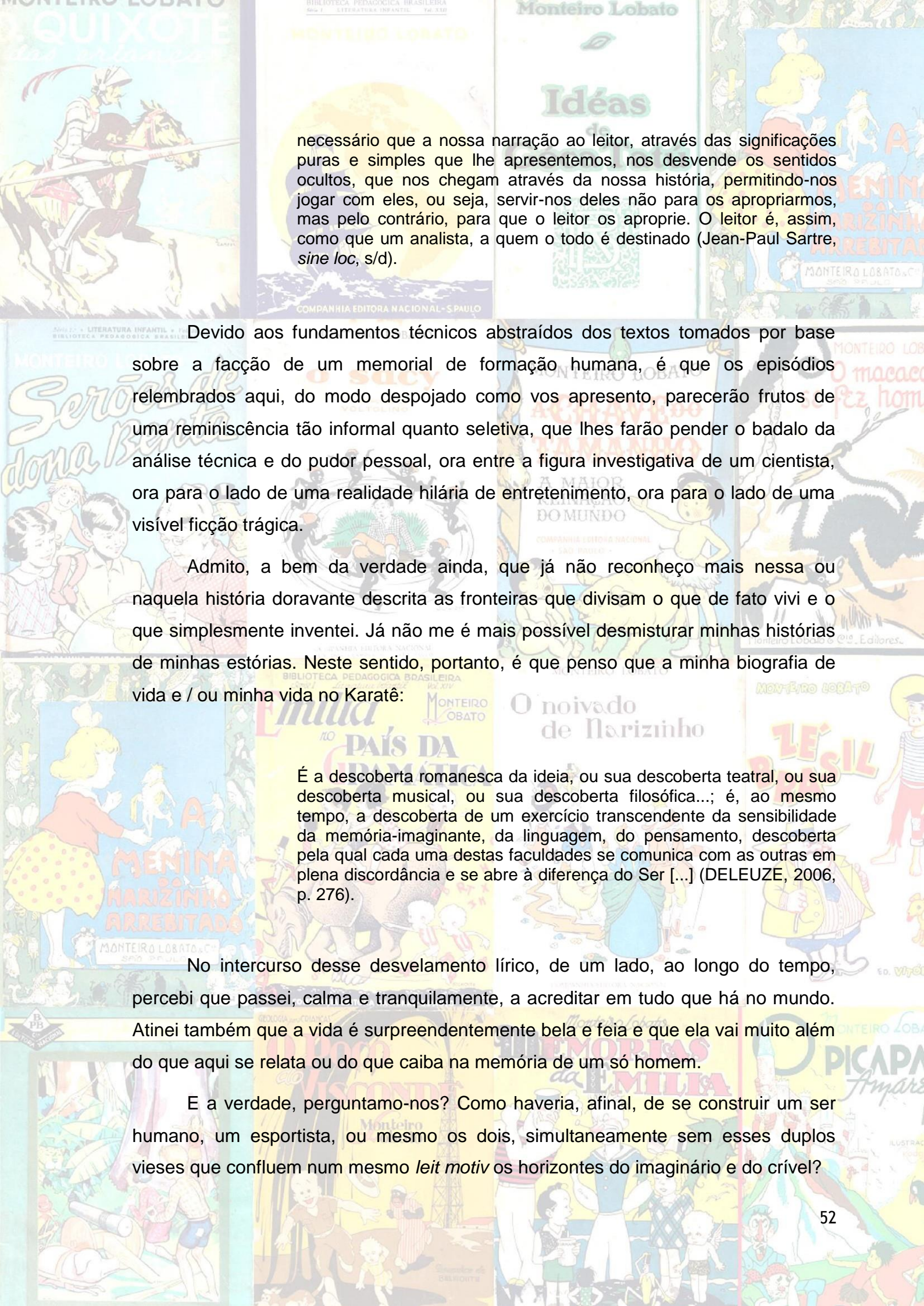
Nestes subtítulos mantiveram-se a direção semântica de propor algum tipo de associação dos significados das palavras em japonês que compõem partes dos nomes das subdivisões aos conteúdos nelas tratados.

E, finalmente, no excerto derradeiro, de nome “**Iamé**: como terminar o que sempre recomeça?”, estabelecem-se uma série dos pontos de reflexão, os quais podem derivar das vivências próprias do autor, mas que também servem de alavancas às ponderações dos leitores e leitoras desta publicação.

1. MOKUSO: CONTEMPLAÇÃO SILENCIOSA

O homem se torna um universo diverso, à medida que entra em contato com as suas próprias fraquezas. Para narrar a si mesmo a um leitor que o leia à moda da escrita existencialista sartreana, como no fragmento posto logo mais abaixo, é preciso que se desautomatize quanto aos processos e formatos da língua, das tipologias textuais, e que deixe virem à tona apenas os tons e as memórias de seu próprio existir, cujos fios de lembranças estão acondicionados em suas mais caras recordações:

Estou a tentar explicar o que consiste escrever, ter um determinado estilo. É preciso que isso nos divirta. E para nos divertir torna-se



necessário que a nossa narração ao leitor, através das significações puras e simples que lhe apresentemos, nos desvende os sentidos ocultos, que nos chegam através da nossa história, permitindo-nos jogar com eles, ou seja, servir-nos deles não para os apropriarmos, mas pelo contrário, para que o leitor os aproprie. O leitor é, assim, como que um analista, a quem o todo é destinado (Jean-Paul Sartre, *sine loc*, s/d).

Devido aos fundamentos técnicos abstraídos dos textos tomados por base sobre a facção de um memorial de formação humana, é que os episódios lembrados aqui, do modo despojado como vos apresento, parecerão frutos de uma reminiscência tão informal quanto seletiva, que lhes farão pender o badalo da análise técnica e do pudor pessoal, ora entre a figura investigativa de um cientista, ora para o lado de uma realidade hilária de entretenimento, ora para o lado de uma visível ficção trágica.

Admito, a bem da verdade ainda, que já não reconheço mais nessa ou naquela história doravante descrita as fronteiras que divisam o que de fato vivi e o que simplesmente inventei. Já não me é mais possível desmisturar minhas histórias de minhas estórias. Neste sentido, portanto, é que penso que a minha biografia de vida e / ou minha vida no Karatê:

É a descoberta romanesca da ideia, ou sua descoberta teatral, ou sua descoberta musical, ou sua descoberta filosófica...; é, ao mesmo tempo, a descoberta de um exercício transcendente da sensibilidade da memória-imaginante, da linguagem, do pensamento, descoberta pela qual cada uma destas faculdades se comunica com as outras em plena discordância e se abre à diferença do Ser [...] (DELEUZE, 2006, p. 276).

No intercurso desse desvelamento lírico, de um lado, ao longo do tempo, percebi que passei, calma e tranquilamente, a acreditar em tudo que há no mundo. Atinei também que a vida é surpreendentemente bela e feia e que ela vai muito além do que aqui se relata ou do que caiba na memória de um só homem.

E a verdade, perguntamo-nos? Como haveria, afinal, de se construir um ser humano, um esportista, ou mesmo os dois, simultaneamente sem esses duplos vieses que confluem num mesmo *leit motiv* os horizontes do imaginário e do crível?

2. DOJO KUN: PRECEITOS DO DOJO PARA A VIDA

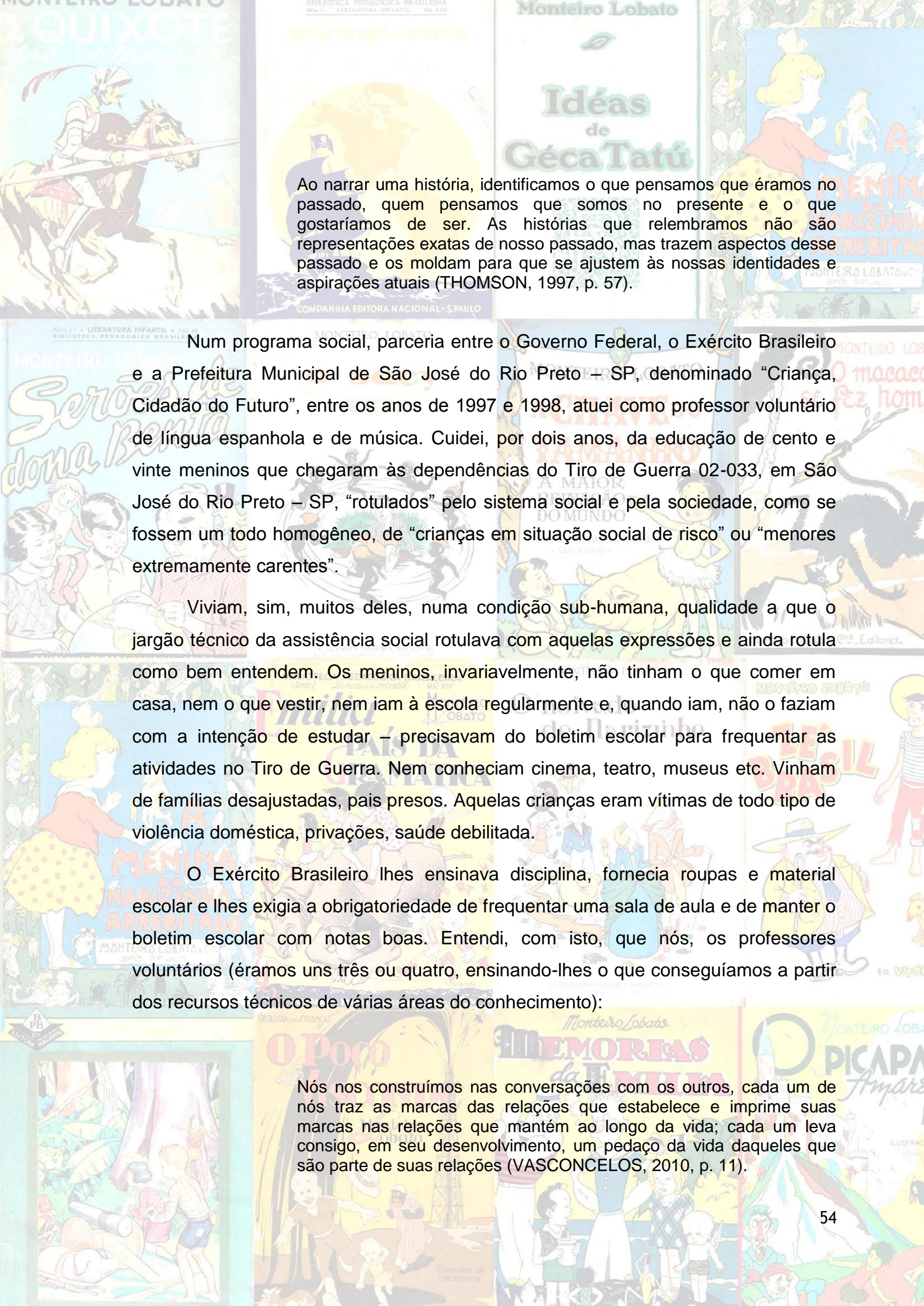
Neste artigo, preferi colocar em evidência o modo como a vivência no tatame e as práticas do Karatê contribuíram para moldar-me como ser humano e, conseqüentemente, como embusen, isto é, os caminhos percorridos em minha vida se ligam deste ou daquele modo com os pilares do **budô** (expressão que, nas Artes Marciais, diz respeito ao caminho da iluminação).

Numa linguagem mais popular, meu texto como um todo pretende dar testemunho e demonstrar o modo “como estou fazendo, afinal, pra virar gente que presta!” (pelo menos, foi assim que cresci ouvindo, seguindo as falas de minha avó materna), ou, noutros termos mais acadêmicos, eu sei que:

Falo um pouco dos relatos e das narrativas de forma generalizada. Pois é muito provável que a forma mais natural e mais imediata de organizar nossas experiências e nossos conhecimentos seja a forma narrativa (BRUNER, 2001, p. 18).

E, assim, é que lembro que alguns acontecimentos são-me muito caros nesta experiência de recordação. Por exemplo, quando criança, muito antes de iniciar a prática do Karatê, enquanto meus colegas viviam às soltas pelas ruas e praças do bairro, conversando com os seus amigos imaginários, ou brincando de brigar, ou de pega-pega ou de esconde-esconde com os seus amigos reais (coisas típicas da infância), eu amarrava à cintura um cabo de vassoura, mais ou menos à altura da pélvis e punha-me a fazer o “patrulhamento” voluntário da rua onde morava, ditando regras de conduta para alguns poucos meninos que se colocavam a obedecer aos meus comandos durante as brincadeiras aos finais de tarde, lá na cidade de Araçatuba – SP, perto do aeroporto municipal.

Eu agia quase marcialmente, como um professor de Karatê em miniatura, como um soldado? Claro que gostaria de dizer ou de acreditar que sim, que aos cinco anos de idade eu já demonstrava levar “jeito” para a coisa toda, para o tatame, para a vida militar, para o exército ou coisas afins a estas. Mas a realidade não é exatamente assim:



Ao narrar uma história, identificamos o que pensamos que éramos no passado, quem pensamos que somos no presente e o que gostaríamos de ser. As histórias que relembramos não são representações exatas de nosso passado, mas trazem aspectos desse passado e os moldam para que se ajustem às nossas identidades e aspirações atuais (THOMSON, 1997, p. 57).

Num programa social, parceria entre o Governo Federal, o Exército Brasileiro e a Prefeitura Municipal de São José do Rio Preto – SP, denominado “Criança, Cidadão do Futuro”, entre os anos de 1997 e 1998, atuei como professor voluntário de língua espanhola e de música. Cuidei, por dois anos, da educação de cento e vinte meninos que chegaram às dependências do Tiro de Guerra 02-033, em São José do Rio Preto – SP, “rotulados” pelo sistema social e pela sociedade, como se fossem um todo homogêneo, de “crianças em situação social de risco” ou “menores extremamente carentes”.

Viviam, sim, muitos deles, numa condição sub-humana, qualidade a que o jargão técnico da assistência social rotulava com aquelas expressões e ainda rotula como bem entendem. Os meninos, invariavelmente, não tinham o que comer em casa, nem o que vestir, nem iam à escola regularmente e, quando iam, não o faziam com a intenção de estudar – precisavam do boletim escolar para frequentar as atividades no Tiro de Guerra. Nem conheciam cinema, teatro, museus etc. Vinham de famílias desajustadas, pais presos. Aquelas crianças eram vítimas de todo tipo de violência doméstica, privações, saúde debilitada.

O Exército Brasileiro lhes ensinava disciplina, fornecia roupas e material escolar e lhes exigia a obrigatoriedade de frequentar uma sala de aula e de manter o boletim escolar com notas boas. Entendi, com isto, que nós, os professores voluntários (éramos uns três ou quatro, ensinando-lhes o que conseguíamos a partir dos recursos técnicos de várias áreas do conhecimento):

Nós nos construímos nas conversações com os outros, cada um de nós traz as marcas das relações que estabelece e imprime suas marcas nas relações que mantém ao longo da vida; cada um leva consigo, em seu desenvolvimento, um pedaço da vida daqueles que são parte de suas relações (VASCONCELOS, 2010, p. 11).

(Federação Brasileira de Karatê) e da FKP (Federação de Karatê Paulista). E a tradição marcial revela que:

Como todo solo tem algo a ser respeitado e os hábitos de higiene são bastante severos, é muito comum compor os pisos das habitações mais tradicionais com tatames dispostos com esteiras de junco entrelaçado. Para que a sujeira fique fora e os bons fluídos do lar sejam preservados, é comum a retirada do calçado e o uso de palmilhas dentro de casa, cujas divisórias internas são, muitas vezes, de madeira corrediça com quadrados de papéis, sempre substituíveis, ao invés de vidros. Nesse tipo de habitação mais tradicional, as crianças nunca devem brincar na sala: esta normalmente possui uma alcova sagrada, decorada com arranjos de flores – ikebana (ver **Shodo**) – tão harmoniosamente que frequentemente são ensinados nas aulas de artes e práticas domésticas, bom como a cerimônia do chá (Chenoyu – ver **Shodo**) (FILHO, 1999, p. 90).

Eu não sei a razão de tudo isso acontecendo ainda muito cedo comigo, mas, aos quinze anos de idade aproximadamente, conheci duas filosofias espiritualistas: uma, a Seicho-No-Ie, outra, o Espiritismo Kardecista (no Kardecismo, aos dezessete anos, passei por doutrinação para ser médium). O que as duas filosofias traziam em comum aos tempos de minhas consultas médicas no quintal de casa? Talvez, a ideia de que eu devesse aprender que:

[...] transcender o assistir nas necessidades básicas do ser humano é ir além da obrigação, é estar comprometido, engajado na profissão, é compartilhar a experiência vivenciada com cada ser humano sob seus cuidados. É usar-se terapeuticamente, é doar calor humano, é envolver-se e viver cada momento como o mais importante da profissão (BALDUINO *et. al.*, 2009, p. 345).

Bom, de um lado, posso dizer, sucintamente, que essas duas doutrinas espiritualistas tratam de cuidar das dores mentais e corpóreas do ser humano. De outro lado, vejo que desde o meu período de exercício infantil e ilegal da medicina, passando pela fase de médium kardecista, até os tempos atuais de professor universitário, aprendi a melhorar a mente, a tratar dos corpos e a guiar as almas das pessoas, praticamente com as mesmas ferramentas didáticas empregadas no programa social do Exército em que atuei por algum tempo, quais sejam: as

palavras, as atitudes e os exemplos e, no caso mediúnic, alguma imposição simbólica de mãos sempre era necessária. Esse tem sido meu budô.

3. BUSHIDO: O ESPELHO DE UM BUSHI

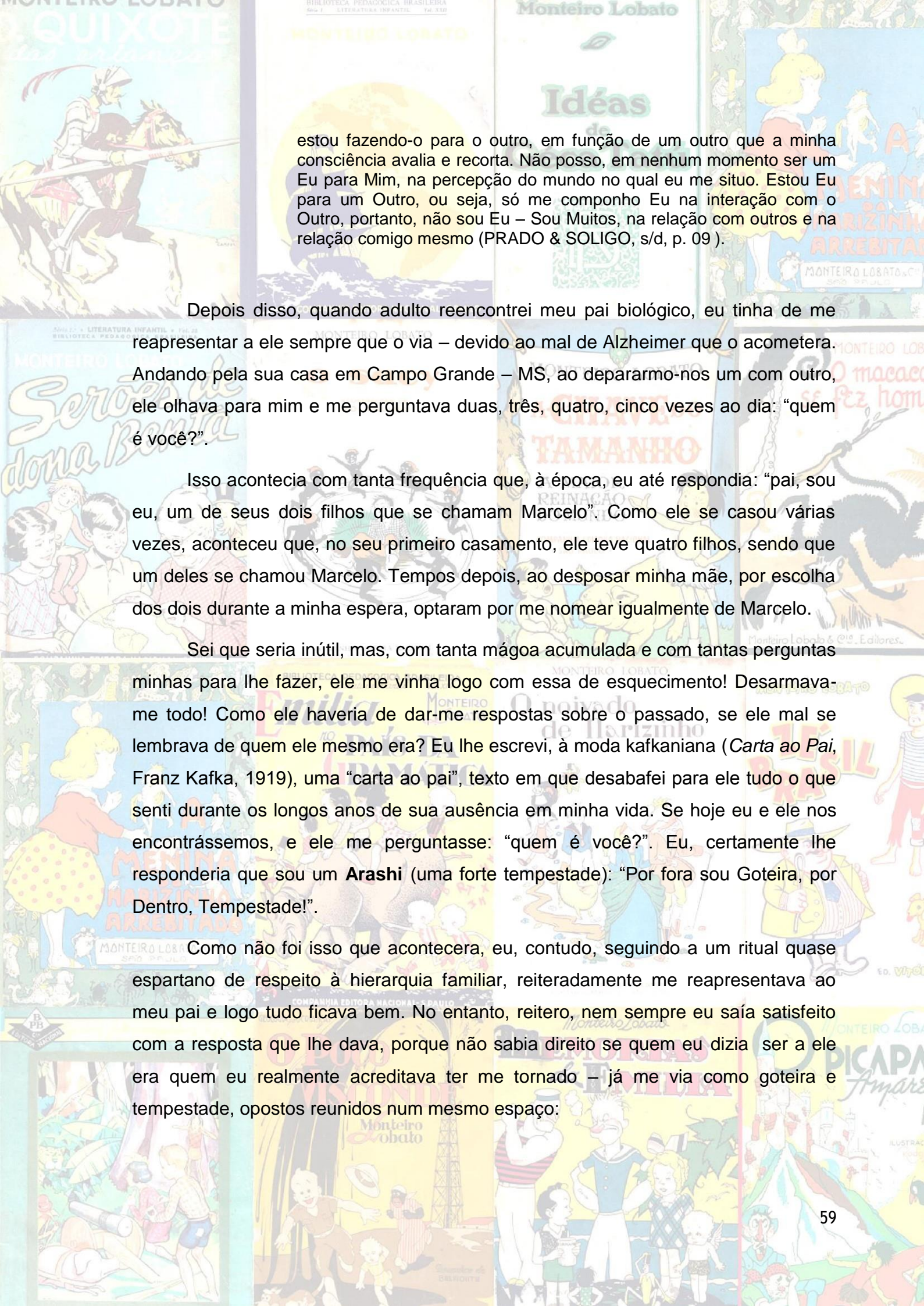
Não fui criado com meu pai biológico. Este deveria ter sido meu **Sensei** (aquele que nasceu antes, meu professor). Assim, a instituição de um consultório médico no quintal de minha casa, possivelmente, talvez tenha sido a maneira que encontrei de ser o exemplo bem-sucedido, ainda que precoce, de personalidade acriançada que os pais sempre veem nos filhos. Meu pai de sangue não estava ali para dar aquelas tapinhas na minha cabeça, proferindo frases do tipo “esse é o meu garoto!”, ou “olha que gracinha!”, e por aí vai.

Talvez, agindo assim, isto é, como milícia-mirim do bairro ou como mini médico, confio hoje que eu queria mesmo é ser um modelo de pai para mim mesmo ou que simplesmente buscasse, a partir de minhas próprias experiências, estabelecer processos de autoafirmação, um discípulo de mim mesmo.

Desse modo, eu é que tinha de dar as tapinhas na própria cabeça e dizer mentalmente: “eu sou o carinha!”, ainda que não fosse ou que jamais viesse a ser: Não quero lhe falar meu grande amor / Das coisas que aprendi / Nos discos... / Quero lhe contar como eu vivi / E tudo o que aconteceu comigo (“Como Nossos Pais”, Belchior).

Fatos sérios e cômicos desta história, à parte. Mas, a realidade é que, pela falta de um, eu imaginava que tinha “sete pais”, por falta de um, eu inventei um time inteiro pais. Porém, de um jeito ou de outro, acabei tendo todos esses sete pais ao longo da vida, meus sete **Sensei**. No ressentimento da presença física do pai biológico, e impotente para resolver a questão, eis que meus sete fantasmas paternos surgem na cena de uma vida real, sugerindo um quadro, pintado a sete cores vivas:

Precisamente no modo que tenciono modelar as minhas atitudes, escolher as minhas coisas ou especificar as minhas capacidades,



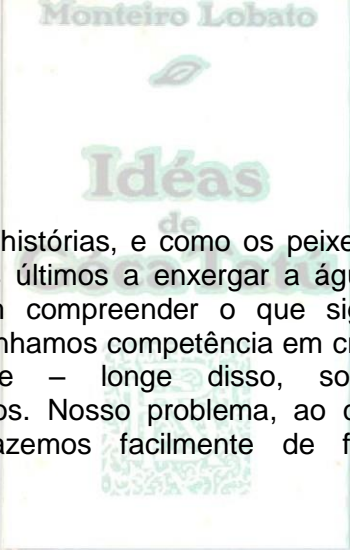
estou fazendo-o para o outro, em função de um outro que a minha consciência avalia e recorta. Não posso, em nenhum momento ser um Eu para Mim, na percepção do mundo no qual eu me situo. Estou Eu para um Outro, ou seja, só me componho Eu na interação com o Outro, portanto, não sou Eu – Sou Muitos, na relação com outros e na relação comigo mesmo (PRADO & SOLIGO, s/d, p. 09).

Depois disso, quando adulto reencontrei meu pai biológico, eu tinha de me reapresentar a ele sempre que o via – devido ao mal de Alzheimer que o acometera. Andando pela sua casa em Campo Grande – MS, ao depararmos um com outro, ele olhava para mim e me perguntava duas, três, quatro, cinco vezes ao dia: “quem é você?”.

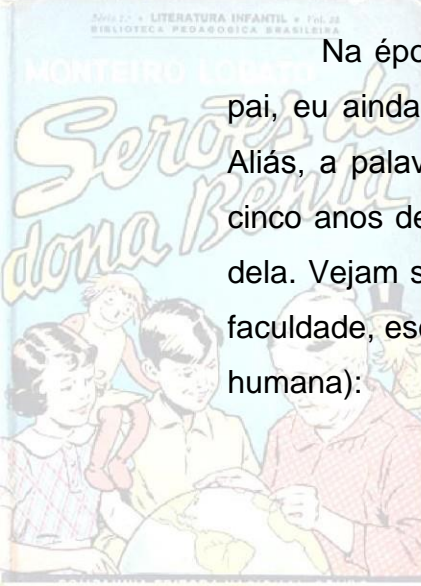
Isso acontecia com tanta frequência que, à época, eu até respondia: “pai, sou eu, um de seus dois filhos que se chamam Marcelo”. Como ele se casou várias vezes, aconteceu que, no seu primeiro casamento, ele teve quatro filhos, sendo que um deles se chamou Marcelo. Tempos depois, ao desposar minha mãe, por escolha dos dois durante a minha espera, optaram por me nomear igualmente de Marcelo.

Sei que seria inútil, mas, com tanta mágoa acumulada e com tantas perguntas minhas para lhe fazer, ele me vinha logo com essa de esquecimento! Desarmava-me todo! Como ele haveria de dar-me respostas sobre o passado, se ele mal se lembrava de quem ele mesmo era? Eu lhe escrevi, à moda kafkiana (*Carta ao Pai*, Franz Kafka, 1919), uma “carta ao pai”, texto em que desabafei para ele tudo o que senti durante os longos anos de sua ausência em minha vida. Se hoje eu e ele nos encontrássemos, e ele me perguntasse: “quem é você?”. Eu, certamente lhe responderia que sou um **Arashi** (uma forte tempestade): “Por fora sou Goteira, por Dentro, Tempestade!”.

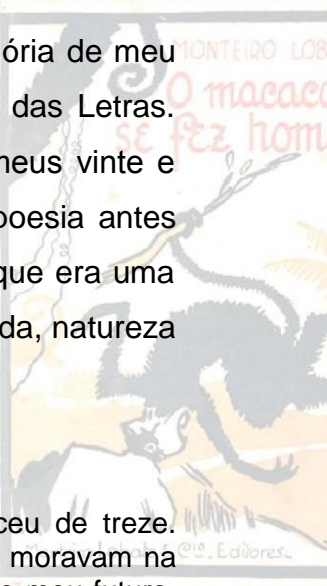
Como não foi isso que acontecera, eu, contudo, seguindo a um ritual quase espartano de respeito à hierarquia familiar, reiteradamente me reapresentava ao meu pai e logo tudo ficava bem. No entanto, reitero, nem sempre eu saía satisfeito com a resposta que lhe dava, porque não sabia direito se quem eu dizia ser a ele era quem eu realmente acreditava ter me tornado – já me via como goteira e tempestade, opostos reunidos num mesmo espaço:




Vivemos em um mar de histórias, e como os peixes que (de acordo com o provérbio) são os últimos a enxergar a água, temos nossas próprias dificuldades em compreender o que significa nadar em histórias. Não que não tenhamos competência em criar nossos relatos narrativos da realidade – longe disso, somos, isso sim, demasiadamente versados. Nosso problema, ao contrário, é tomar consciência do que fazemos facilmente de forma automática (BRUNER, 2001, p. 140).



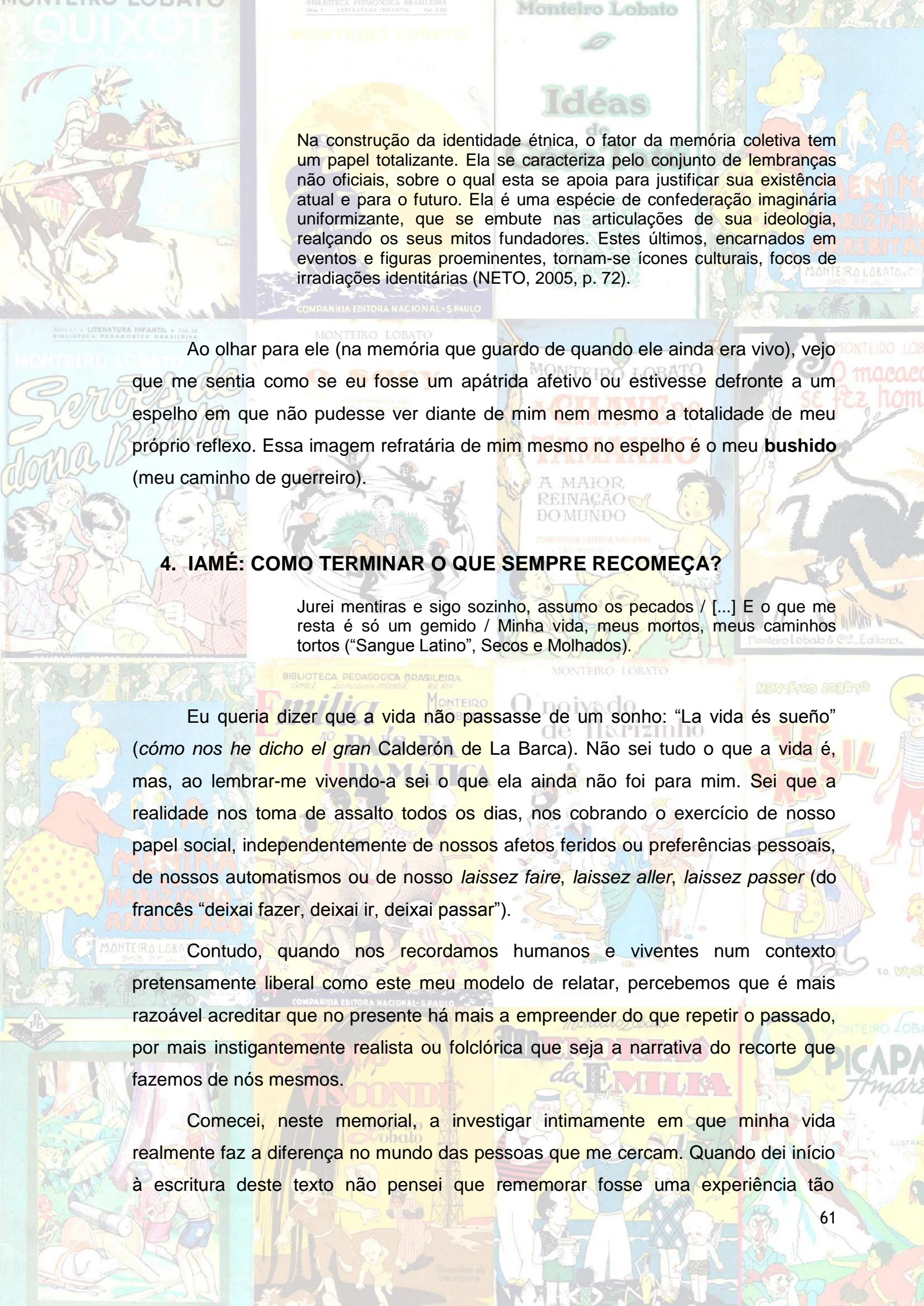
Na época desses encontros e desencontros de mim com a memória de meu pai, eu ainda não conhecia a Universidade onde cursaria a faculdade das Letras. Aliás, a palavra “faculdade” nem fazia parte do meu vocabulário até meus vinte e cinco anos de idade, e olhem que e eu já tinha até publicado livro de poesia antes dela. Vejam se não é um absurdo, um sujeito que nem sabia direito o que era uma faculdade, escrevendo livros, e de poesia ainda – puro **jinsei** (instinto, vida, natureza humana):



Hoje eu completei oitenta e cinco anos. O poeta nasceu de treze. Naquela ocasião escrevi uma carta aos meus pais, que moravam na fazenda, contando que eu já decidira o que queria ser no meu futuro. Que eu não queria ser doutor. Nem doutor de curar nem doutor de fazer casa nem doutor de medir terras. Que eu queria era ser fraseador. Meu pai ficou meio vago depois de ler a carta. Minha mãe inclinou a cabeça. Eu queria ser fraseador e não doutor. Então, o meu irmão mais velho perguntou: Mas esse tal fraseador bota mantimento em casa? Eu não queria ser doutor, eu só queria ser fraseador. Meu irmão insistiu: Mas ser fraseador não bota mantimento em casa, nós temos que botar uma enxada na mão desse menino pra ele deixar de variar. A mãe baixou a cabeça um pouco mais. O pai continuou meio vago. Mas não botou enxada (Manoel de Barros, “Fraseador, IX”. In: LINHARES, 2006, p. 22).



Uma das virtudes desse contato imediato com a entidade telúrica a quem eu chamava de “meu pai”, era a de ser ele o meu contato imediato com o passado de minha família paterna, com a qual convivi bem pouco. Sem essa proximidade com a memória viva e ainda falante dele, é como se eu não tivesse história pregressa, como se eu não tivesse tido um passado, ou mesmo não existisse ou ainda que existisse só pela metade – a metade da minha mãe:



Na construção da identidade étnica, o fator da memória coletiva tem um papel totalizante. Ela se caracteriza pelo conjunto de lembranças não oficiais, sobre o qual esta se apoia para justificar sua existência atual e para o futuro. Ela é uma espécie de confederação imaginária uniformizante, que se embute nas articulações de sua ideologia, realçando os seus mitos fundadores. Estes últimos, encarnados em eventos e figuras proeminentes, tornam-se ícones culturais, focos de irradiações identitárias (NETO, 2005, p. 72).

Ao olhar para ele (na memória que guardo de quando ele ainda era vivo), vejo que me sentia como se eu fosse um apátrida afetivo ou estivesse defronte a um espelho em que não pudesse ver diante de mim nem mesmo a totalidade de meu próprio reflexo. Essa imagem refratária de mim mesmo no espelho é o meu **bushido** (meu caminho de guerreiro).

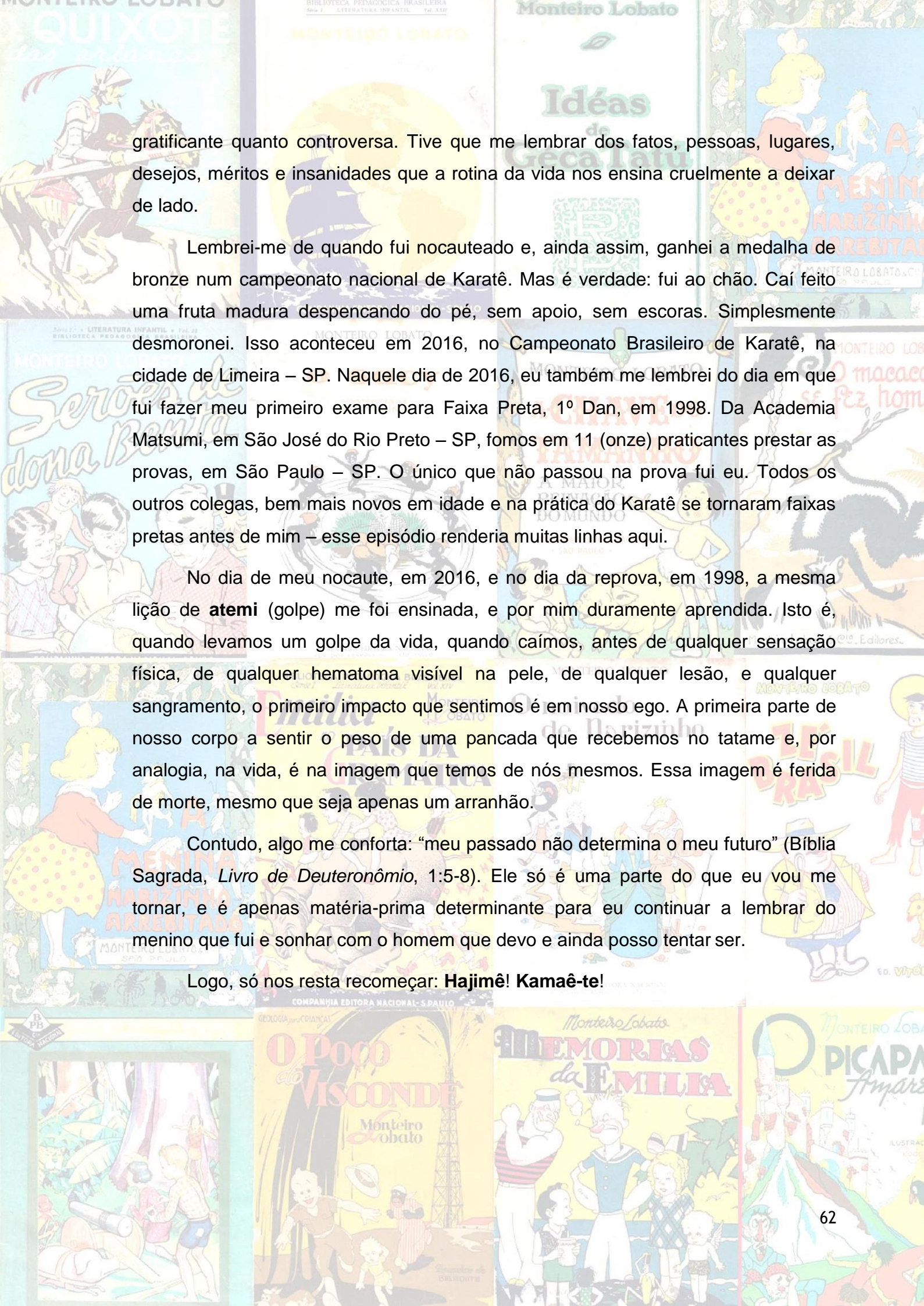
4. IAMÉ: COMO TERMINAR O QUE SEMPRE RECOMEÇA?

Jurei mentiras e sigo sozinho, assumo os pecados / [...] E o que me resta é só um gemido / Minha vida, meus mortos, meus caminhos tortos (“Sangue Latino”, Secos e Molhados).

Eu queria dizer que a vida não passasse de um sonho: “La vida és sueño” (cómo nos he dicho el gran Calderón de La Barca). Não sei tudo o que a vida é, mas, ao lembrar-me vivendo-a sei o que ela ainda não foi para mim. Sei que a realidade nos toma de assalto todos os dias, nos cobrando o exercício de nosso papel social, independentemente de nossos afetos feridos ou preferências pessoais, de nossos automatismos ou de nosso *laissez faire, laissez aller, laissez passer* (do francês “deixai fazer, deixai ir, deixai passar”).

Contudo, quando nos recordamos humanos e viventes num contexto pretensamente liberal como este meu modelo de relatar, percebemos que é mais razoável acreditar que no presente há mais a empreender do que repetir o passado, por mais instigantemente realista ou folclórica que seja a narrativa do recorte que fazemos de nós mesmos.

Comecei, neste memorial, a investigar intimamente em que minha vida realmente faz a diferença no mundo das pessoas que me cercam. Quando dei início à escritura deste texto não pensei que rememorar fosse uma experiência tão



gratificante quanto controversa. Tive que me lembrar dos fatos, pessoas, lugares, desejos, méritos e insanidades que a rotina da vida nos ensina cruelmente a deixar de lado.

Lembrei-me de quando fui nocauteado e, ainda assim, ganhei a medalha de bronze num campeonato nacional de Karatê. Mas é verdade: fui ao chão. Caí feito uma fruta madura despencando do pé, sem apoio, sem escoras. Simplesmente desmoronei. Isso aconteceu em 2016, no Campeonato Brasileiro de Karatê, na cidade de Limeira – SP. Naquele dia de 2016, eu também me lembrei do dia em que fui fazer meu primeiro exame para Faixa Preta, 1º Dan, em 1998. Da Academia Matsumi, em São José do Rio Preto – SP, fomos em 11 (onze) praticantes prestar as provas, em São Paulo – SP. O único que não passou na prova fui eu. Todos os outros colegas, bem mais novos em idade e na prática do Karatê se tornaram faixas pretas antes de mim – esse episódio renderia muitas linhas aqui.

No dia de meu nocaute, em 2016, e no dia da reprova, em 1998, a mesma lição de **atemi** (golpe) me foi ensinada, e por mim duramente aprendida. Isto é, quando levamos um golpe da vida, quando caímos, antes de qualquer sensação física, de qualquer hematoma visível na pele, de qualquer lesão, e qualquer sangramento, o primeiro impacto que sentimos é em nosso ego. A primeira parte de nosso corpo a sentir o peso de uma pancada que recebemos no tatame e, por analogia, na vida, é na imagem que temos de nós mesmos. Essa imagem é ferida de morte, mesmo que seja apenas um arranhão.

Contudo, algo me conforta: “meu passado não determina o meu futuro” (Bíblia Sagrada, *Livro de Deuteronômio*, 1:5-8). Ele só é uma parte do que eu vou me tornar, e é apenas matéria-prima determinante para eu continuar a lembrar do menino que fui e sonhar com o homem que devo e ainda posso tentar ser.

Logo, só nos resta recomeçar: **Hajimê! Kamaê-te!**

REFERÊNCIAS

BALDUINO, Anice de Fátima Ahmad; MANTOVANI, Maria de Fátima; LACERDA, Maria Ribeiro. *O processo de cuidar de enfermagem ao portador de doença crônica cardíaca*. Esc Anna Nery Rev Enferm 2009, abr-jun, 13 (2), 342-51.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade – lembranças de velhos*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1995.

BRUNER, Jerome. *A cultura da educação*. Porto Alegre. Artmed Editora, 2001.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Tradução Luiz Orlandi, Roberto Machado. 2ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

FILHO, Arnaldo Fazoli. *Japão Formando Gerações*. São Paulo: Letras e Letras, 1999.

LINHARES, Andrea Regina Fernandes. *Memórias Inventadas: figurações do sujeito na escrita autobiográfica de Manoel de Barros*. Dissertação de Mestrado: FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE, 2006. Disponível em <http://www.ppgletras.furg.br/disserta/andrealinhares.pdf>.

NETO, Jamil Zugueib. Os Druzos na Guerra do Líbano. In: _____(org.). *Identities e Crises Sociais na Contemporaneidade*. Curitiba: UFPR, 2005, p. 23-110.

PAZ, Octávio. *O Arco e a Lira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982, p. 267-282.

PRADO, Guilherme do Val Toledo e SOLIGO, Rosaura. *Memorial de Formação – quando as memórias narram a história da formação... . Sine loc: s/d*.

THOMSON, Alistair. *Recompondo a Memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias*. In: *Projeto História*, nº 15. São Paulo: EDUC, 1997.

VASCONCELOS, Geni Amélia Nader. *Diálogo com Humberto Maturana: interpelações sobre a ética*. *Revista Tessituras*, n. 1, maio de 2010. Disponível em: file:///C:/Users/User/Downloads/Geni_Amelia_Nader_Vasconcelos_Mestre_em.pdf.